

Relato de experiência do projeto “Vamos promover Acessibilidade”:

Oficina de Braille

Jully Guedes de Souza Pereira; João Marcos Ferreira de Oliveira Gomes; Saulo Nascimento Costa

(Universidade Federal da Paraíba- jully.julinha.jujuba@hotmail.com)

Resumo: O Comitê de Inclusão e Acessibilidade (CIA) da UFPB atua visando a promoção da inclusão dentro da Instituição. Dentre seus Grupos de Trabalho (GT) está o de Acessibilidade Comunicacional, que abrange projetos que visam tornar acessível a comunicação institucional, bem como para a sociedade como um todo. Dentre os projetos, está o “Formação Continuada: Vamos promover Acessibilidade?”. Este tem como atividades oficinas que são oferecidas a comunidade como atividade de extensão, sendo a primeira a Oficina Básica de Braille, foco deste relato de experiência. A Oficina se desenvolveu em 4 encontros, sendo o primeiro trazendo o histórico do Braille e uma sensibilização à inclusão; no segundo encontro foi trabalhada a Grafia Braille da Língua Portuguesa; no terceiro, foi lecionado e praticado o Código Matemático Braille; sendo o último encontro a culminância da Oficina com uma Gincana do Conhecimento, que serviu como revisão de todo o conteúdo visto. Como objetivos da Oficina estavam sensibilizar à inclusão e a capacitar à escrita e leitura da Grafia Básica Braille. No decorrer de todo o processo de aprendizagem, por intermédio de uma avaliação contínua e qualitativa, foi evidenciado que houve partilha de conhecimentos, crescimento mútuo, resultando em ampliação de horizontes e percepções sobre a temática, além de todos concluírem a Oficina dominando a leitura e escrita do Braille; Todos os objetivos lograram êxito, superando as expectativas e despertando o interesse do público para outros cursos de formação de tema gerador Inclusão.

Palavras-chave: Braille; Inclusão; Formação Continuada; Deficiência Visual; Extensão.

1- Introdução

O Comitê de Inclusão e Acessibilidade da Universidade Federal da Paraíba (CIA/UFPB) é uma assessoria especial diretamente vinculada ao Gabinete da Reitoria. Através desse suporte, são desenvolvidas ações que dão assistência e promoção a pessoa com deficiência, ou certas demandas pedagógicas, para assim garantir que o estudante consiga ter todo o aparato para se desenvolver dentro da universidade.

Visando a incrementação dessa necessidade do alunado, foi criado o GT de Acessibilidade Comunicacional, que com o total de cinco projetos, visa a difusão de acessibilidade para pessoas que necessitem de um aporte na comunicação. São estes: Formação Continuada: Vamos promover Acessibilidade, Acessibilidade para Surdos nos meios comunicacionais da UFPB, Produção Visual das Ações do Comitê de Acessibilidade Comunicacional, Legendagem de Vídeos Institucionais na UFPB e Audiodescrição de Vídeos Institucionais para a UFPB.

Enquanto a premissa dos cinco projetos se unem de um modo estreito para proporcionar a acessibilidade comunicacional nas produções audiovisuais dentro da UFPB, o projeto “Vamos Promover Acessibilidade” tem um formato diferenciado, pois planeja através de formações continuadas sobre audiodescrição, braille, libras, promover oficinas sobre conteúdos acessíveis para a comunidade no geral.

Segundo (PONTES, *et al.*, 2018, p.2-3) a deficiência visual é uma condição irreversível do sistema visual, que acarreta prejuízos nas funções visuais, como: diminuição da acuidade visual para enxergar de perto e/ou de longe, redução do campo visual central e /ou periférico, ofuscamento, diminuição da sensibilidade aos contrastes e na percepção das cores, entre outras alterações visuais. O comprometimento das funções visuais causa limitações e dificuldades de interação e adaptação ao meio. Nesse sentido, é necessário o uso dos sentidos remanescentes, de recursos didáticos adaptados e das ajudas técnicas para pessoas com deficiência visual, denominadas “Tiflotecnologias”.

O Braille surge nesse sentido, enquanto um sistema de pontuações tácticas para promover o acesso a escrita aos cegos. O sistema foi uma evolução de outros sistemas já desenvolvidos anteriormente, buscando outro sentido para a promoção do acesso à leitura aos cegos. Formado por 63 sinais, todos os sinais são representados através do sistema. Os principais mecanismos de produção da grafia são: o reglete e a punção, e a máquina de escrever Perkins Braille.

A primeira oficina desse projeto visou a promoção da Grafia Braille básica para a comunidade, visto que o público em geral apresenta desconhecimento sobre o tema. Através dessa formação, pode ser difundido o alfabeto em Braille, os numerais, e algumas noções de pontuação básica. Traçou-se também como objetivo sensibilizar os estudantes para a questão da realidade dos cegos, sendo realizada uma palestra com o presidente da Associação Paraibana dos Cegos (APACE), “Legy Pedro”, em que era relatado seu testemunho de superação.

Esse trabalho visa o relato de experiência desta oficina, que com encontros semanais de quatro horas, traçou um panorama geral sobre esta grafia, que inaugurou as oficinas do GT de Acessibilidade Comunicacional.

De acordo com (Martins, 2016) é necessário que se discuta sobre a educação e sobre o trabalho docente, para se adentrar em um campo fundamental para a sociedade e para o ser humano, haja vista que os processos educativos estão ligados ao universo simbólico da existência humana, no qual o indivíduo vai constituindo seu modo de ser mediante sua prática.

2- Metodologia

Essa pesquisa apresenta como fio condutor o estudo de caso, de cunho dedutivo. Através do método qualitativo, visa-se a descrição da Oficina de Braille do projeto “Formação Continuada: Vamos Promover Acessibilidade?”. Foram lidas teorias sobre a formação continuada para os professores, assim como sobre o histórico do Braille e outros materiais para a acessibilidade de cegos e pessoas com baixa visão.

De acordo com (Mynayo, 1993), o material primordial da investigação qualitativa é a palavra que expressa a fala cotidiana, seja nas relações afetivas e técnicas, seja nos discursos intelectuais, burocráticos e políticos. Logo, essa pesquisa visa através de teorias, fazer um estudo de caso sobre a formação continuada inclusiva.

As aulas expositivas apresentaram cunho dialético e lúdico, sendo as primeiras aulas de cunho teórico e a última lúdica, através de uma gincana de encerramento. A avaliação do aprendizado dos alunos foi contínua e qualitativa, através de atividades para casa em que o aluno revia os conteúdos dados em sala, tendo seu ápice no último dia, com a gincana lúdica de encerramento.

A oficina de Braille tem como objetivo sensibilizar os discentes, no tocante à temática da inclusão, e capacitar os mesmos para a execução da escrita e leitura básica da Grafia Braille da Língua portuguesa e do Código Matemático Braille.

3- Resultados e discussões

Para a realização da oficina, a primeira etapa foram as inscrições, feitas através do *google forms*, com o limite de até vinte e cinco vagas. A procura foi extensa, totalizando o total de cinquenta inscritos. Foi realizado um questionário com perguntas sobre o perfil dos inscritos, aonde foi constatado que o perfil de grande parte do público da formação continuada são professores, bem como, de pessoas que já trabalham com a educação inclusiva, onde a motivação principal para participarem desse trabalho seria para aumentar o conhecimento sobre o assunto.

Em seguida, com toda a primeira etapa de efetivação dos inscritos e do aviso aos que estavam na lista de espera, foi realizada a primeira das quatro aulas, no dia 8 de junho de 2018, com o total de quatro horas. Levando um pouco da cultura do cego e das noções básicas da grafia, além de todo seu histórico, para o público em geral.

O conteúdo da primeira aula foi de cunho introdutório, em primeiro momento sendo dada uma palestra por “Legy Pedro”, presidente da APACE, relatando as suas dificuldades mediante a realidade do cego.

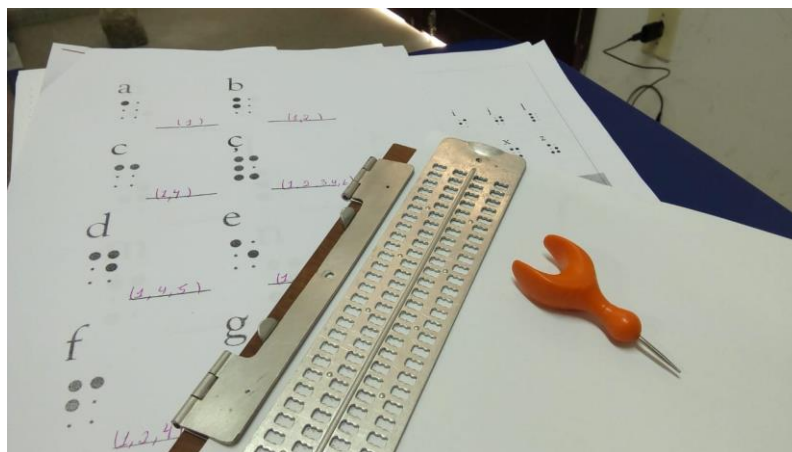
Legy inicializou o seu relato explicando que não era naturalmente cego, porém que aos três anos um glaucoma o fez perder a sua visão em totalidade. As pessoas muitas vezes diziam que ele não conseguira conquistar seus sonhos devido a sua limitação, porém ele rompeu com todos esses estereótipos e se tornou uma pessoa realizada em seus objetivos, tanto em meio acadêmico, quanto em meio pessoal, atualmente sendo casado e tendo filhos.



Legy Pedro na aula inaugural da Oficina Básica de Braille

Em seguida, foram vistas algumas noções iniciais sobre a origem do sistema Braille, proporcionando assim a noção do público sobre o que veriam em seguida. Louis Braille, cego aos cinco anos, adaptou o sistema de 12 pontos por cela, inicialmente criado por Charlie Barbiers, para seis pontos, proporcionando uma maior facilidade na decodificação por parte dos usuários, suprimindo as necessidades dos educacionais e informacionais dos cegos.

Um panorama sobre os meios de produção da grafia também foi traçado, sendo explicado que haviam vários meios para o Braille ser produzido, podendo ser manuais ou tecnológicos. Entre os meios manuais estão: o reglete, a punção, e a máquina Braille-Perkins, entre os meios eletrônicos estão a impressora em Braille, e o display Braille.



Reglete, punção, e material contendo parte do alfabeto em Braille

Na aula seguinte, foi apresentado aos discentes a Grafia Braille para a Língua Portuguesa. *A priori*, lhes foi explicado o conceito inicial das celas braille, a sua numeração e organização funcional. Posteriormente foi introduzido o conteúdo da grafia da língua portuguesa em braille na íntegra.

Além da exposição do conteúdo em data show, a aula foi enriquecida com momentos alternados de teoria e prática; sendo a prática, proporcionada pela utilização dos objetos manuais para produção braile, reglete e punção, por parte dos alunos na escrita da grafia braile. Durante toda aula, estes, se demonstram interessados e bem receptivos ao conteúdo, além de apresentarem facilidade na interiorização do mesmo, resultando no exercício e reprodução da escrita e leitura do Braille logo na primeira aula teórica. Buscando estimular a busca por mais conhecimento sobre o conteúdo, foram proporcionadas atividades que foram realizadas em classe e complementadas extraclasse, tais como leitura e escritas de textos em braile.



Alunos utilizando reglete e punção para produzirem palavras em Braille.

Na terceira aula, primeiramente, houve um momento de compartilhamento e esclarecimento de dúvidas sobre a aula anterior. Atendidas todos os questionamentos, deu-se prosseguimento ao planejado para o terceiro dia da oficina. A sistemática didática seguiu semelhante a segunda aula, porém, foi ministrado o básico do Código Matemático Braille, onde foi lhes apresentado os numerais, algarismos romanos, sinais de operações, equações e operações matemáticas, dentre outros conteúdos básicos referentes a esta disciplina. Os estudantes sentiram mais dificuldade de assimilação do código matemático, quando comparado a Língua Portuguesa, mas não por causa da dificuldade do Braille, mas sim devido ao estereótipo construído por eles de que matemática é difícil; estereótipo este que foi superado no decorrer da aula, resultando no final da mesma, todos lendo, escrevendo e transcrevendo tudo que lhes era solicitado na grafia braile. Como atividade extraclasse, foi lhes concedida uma carta em braile para eles decifrarem. Constituída por números e letras Braille, esta os trazia uma mensagem convidando a estudar e participar da Gincana Final do Conhecimento, como culminância da Oficina.



Terceiro dia da oficina de Braille.

No dia 06 de julho, foi dada a oficina de encerramento, feita através de uma dinâmica, com três brincadeiras. Iniciada com os vídeos “ Como cego imagina as cores”, “O segredo do imperfeito: reportagem comigo” e “ O segredo do imperfeito: O melhor dia é hoje”, aonde ocorreu uma última sensibilização sobre a temática. Para a realização da dinâmica, a sala foi dividida em dois grupos: A e B.

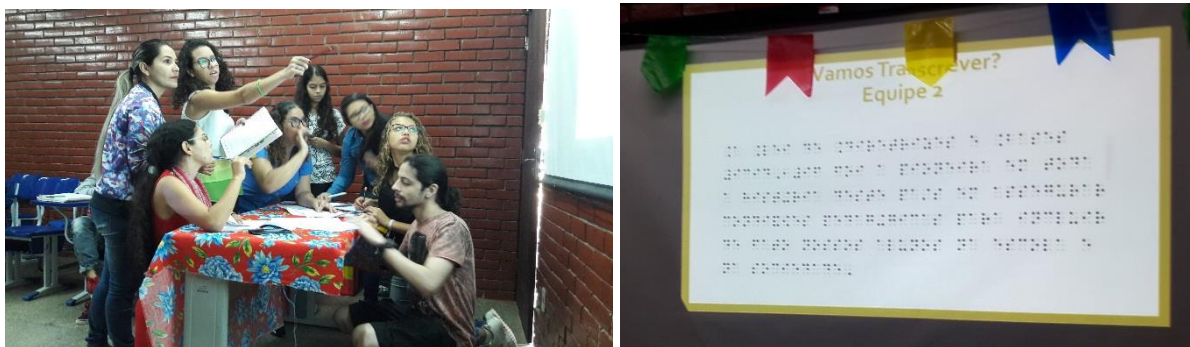
Na primeira brincadeira, alguns representantes do grupo tinham de vim para tentar adivinhar o que estava na “caixa surpresa”, uma caixa que escondia dentro algum objeto a ser adivinhado no tato. Essa atividade visou desenvolver a percepção por outros sentidos, majoritariamente o tato, na descoberta de novos materiais. O tato é muito usado pelo deficiente visual (DV), e esta atividade lúdica expandiu a percepção dos alunos, fazendo-os perceber as coisas semelhantemente aos cegos. Essa etapa empolgou bastante todos os praticantes, os deixando muito animados. O grupo A venceu essa etapa.



Dinâmica da caixa surpresa

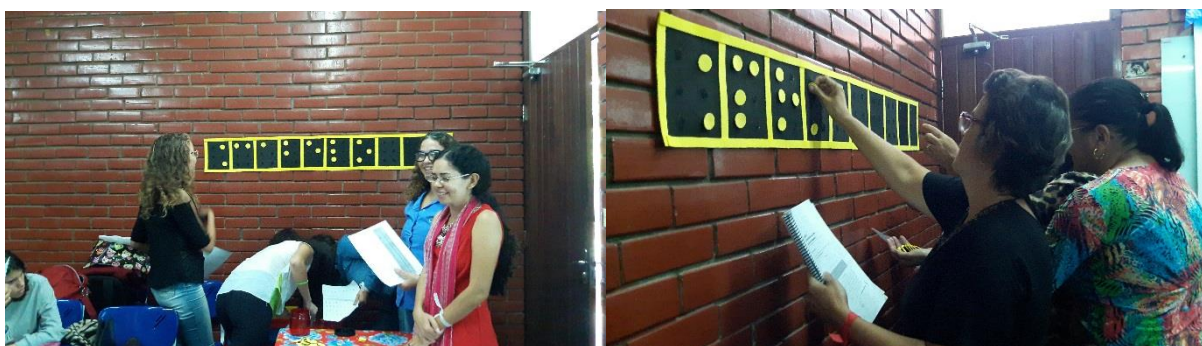
Na próxima etapa, a transcrição do Braille para a tinta, como critério de vitória foi dado o tempo em que a função seria desempenhada; a turma que transcrevesse do braile para tinta em menor tempo ganhava a prova e a pontuação. Cada grupo realizou a atividade por vez, cada um com seu texto próprio. O texto em Braille Negro foi projetado no quadro, os grupos

participantes tinham que deliberar e transcrever em tinta (manuscrito), o que estava escrito em braille no slide. Esta atividade possibilitou a percepção do conhecimento de todos na leitura do Braille que resultou nas transcrições fidedignas. O tempo de menor realização foi a equipe B, empatando a competição. Sendo assim, a última prova de suma importância para o desempate.



Alunos participando a segunda prova, Transcrição do Braille para tinta.

Nesta, os participantes tinham de realizar a escrita em Braille de algumas palavras e expressões matemáticas. Para tal, foi utilizado um material didático lúdico, desenvolvido por nossa equipe, no qual era constituído de uma base com velcro nos locais dos pontos da cela braille. Recortes de bolinhas também tinham velcro em seu verso, visando a fixação dos mesmo na base, a fim de simular a escrita do braille, semelhante a uma reglete e punção. Nesta atividade eles externalizaram sua capacidade de Leitura, Transcrição e escrita de forma mútua, com padrões de excelência, demonstrando a interiorização plena de tudo oferecido pela Oficina. Ao final, a equipe ganhadora foi a A, ganhando como prêmio final.



Última Prova da Gincana do Conhecimento.

Mesmo partilhando deste clima de competição, os discentes perceberam, ao final, que todos saímos ganhando, em novas amizades, novas perspectivas, novos aprendizados.

4- Conclusões

Foi uma experiência extremamente proveitosa a primeira oficina do projeto, sendo de fundamental importância para a formação continuada dos alunos na área de educação inclusiva.

É necessária a visibilidade para a causa da educação inclusiva, visto que os debates sobre o assunto importam para a formação do professor. De acordo com Queiroz (2018, p. 4),

[...] a inclusão preconiza o acesso de todos a educação, com acolhimento e condições, tanto no aspecto estrutural quanto pedagógica, no que se refere à formação de professores para atuar com a diversidade de alunos existentes no sistema educacional, na qual o professor precisa repensar sua prática educativa com atividades inclusivas com utilização de recursos e estratégias que possibilitem o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos.

O trabalho foi concluído com sucesso, sendo notado ao final que as pessoas realmente estavam interessadas no assunto, sendo a dinâmica final a principal avaliadora do desempenho do alunado, que no geral foi excelente. A soma maioria finalizou a oficina lendo e escrevendo em Braille, muitos se interessando pela área de educação inclusiva e na promoção de acessibilidade comunicacional.

O projeto serviu enquanto uma porta para as próximas oficinas que serão desenvolvidas, como a de legendagem, que atualmente se encontra no período de finalização. Parte do público que procurou as oficinas de Braille, se interessaram por outras oficinas também, servindo assim como um projeto que proporcionou um bom andamento para os alunados.

Referências:

Histórias de cego “**Como cego imagina as cores**” Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_bx1yNm29Ek> Acesso em: 25/07/2018

Histórias de cego “**Como é a vida de um cego? Reportagem comigo**” Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WleZsJTj0pc>> Acesso em: 25/07/2018

Histórias de cego “**O segredo do imperfeito... feito**” Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oaS_q5WUupM> Acesso em: 25/07/2018

MARTINS, Juliana Teixeira de Souza Martins **Formação Continuada de professores no ensino superior** Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rgpp/article/view/134051/139288> > Acesso em: 01/08/2018

MYNAYO, Maria Cecilia S. **Quantitativo ou qualitativo: oposição ou completariedade.** Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/csp/v9n3/02.pdf> > Acesso em: 01/08/2018

PONTES, Ana Clara Pontes. **O uso de recursos didáticos adaptados na escolarização e inclusão de educandos cegos e pessoas de baixa visão** Disponível em: <<http://periodicos.udesc.br/index.php/colbeduca/article/view/11486/8279> > Acesso em: 25/07/2018